



## **A Representação Visual como forma de Representação do Modelo Social - suas Particularidades e (re)Modelações<sup>1</sup>**

**Katarina Kelly Brito Castro<sup>2</sup>**

### **Resumo**

O presente artigo constitui-se em um breve ensaio sobre o surgimento e as implicações das Teorias de Representação Social, assim como também trata de temas correlacionados – Identidade Social e Gênero. Por conseguinte, propõe-se a tratar da linguagem visual, mais especificamente da fotografia, como uma forma possível de representar aspectos humanos e torná-los foco de reflexões acerca da reestruturação social vigente.

### **Palavras-chave**

Gênero; representações; identidade social; fotografia; vaidade.

Tendo suas origens na Sociologia de Émile Durkheim por volta de 1890, é na Psicologia Social<sup>3</sup> que o estudo acerca das Representações Sociais vem sendo explorado desde meados da década de 1960.

Ao adentrar no tema, podemos encarar como herança significativa o conceito de Consciência Coletiva desenvolvido por Durkheim, que definiu o termo como sendo o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade (...) que forma um sistema determinado com vida própria” (DURKHEIM, 1973, p.342).

Tais estudos sociológicos desencadearam, naturalmente, um processo de teorização das representações coletivas que vem se expandindo na contemporaneidade, constituindo-se foco de intensos debates nos âmbitos acadêmico e social.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática – Comunicação Audiovisual. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Bacharelada do curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), email: katarina\_po@yahoo.com.br

<sup>3</sup> “Aborda as representações sociais no âmbito do seu campo, do seu objeto de estudo – a relação indivíduo-sociedade e de um interesse pela cognição, embora não situado no paradigma clássico da psicologia: ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, como interagem sujeitos e sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria que, sem dúvida, passa pela comunicação.” (ARRUDA, 2002, p.2)



Entre as décadas de 1960 e 1980, por sua vez, foi observado o surgimento e consolidação de novos atores na sociedade – alguns movimentos sociais organizados, como o feminismo (ARRUDA, 2002, p.3) e foi nesse contexto que Serge Moscovici, Psicólogo Social francês, desenvolveu a matriz, o ‘embrião’, da Teoria das Representações Sociais, publicando-a em seu livro *La Psychanalyse, son image, son public* (1961).

Esse foi, basicamente, o ponto de partida para a crescente busca por teorizar as Representações Sociais a fim de desenvolver um entendimento sobre os fenômenos coletivos, os elementos resultantes das relações interpessoais, os simbolismos expressados mediante a comunicação e o uso das linguagens, os sistemas ideológicos etc.

Podemos perceber a linha teórica de Moscovici a partir de uma de suas constatações com relação às representações sociais

São sistemas que têm uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que se referem tanto a valores como a conceitos [com] um estilo de discurso próprio. “Não as consideramos como opiniões sobre nem imagens de, mas como “teorias”, como “ciências coletivas” *sui generis*, destinadas à interpretação e à construção da realidade. (MOSCOVICI, 1974, p.48)

E de uma definição bem aceita por pesquisadores desse campo, desenvolvida por Denise Jodelet, que vem aprofundando os estudos por ele desenvolvidos. Jodelet diz que:

As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. (JODELET *apud* ARRUDA, 2005, p.12)

A partir da definição de Moscovici, Arruda (2002, p.8) evidencia, ainda, a importância dos fatores subjetivos e afetivos na herança cultural, na construção do saber e nas ações humanas como um todo. Deste modo, podemos encarar o estudo da TRP<sup>4</sup> como sendo uma tentativa de análise social com o intuito de compreender em que níveis as convenções e relações sociais influenciam no desenvolvimento e propagação de conhecimento.

---

<sup>4</sup> Teoria das Representações Sociais



Ou seja, uma análise cujo foco é a compreensão das inúmeras e complexas interações existentes numa sociedade, sejam estas de menor escala, como as existentes na ‘instituição família’<sup>5</sup>, ou de maior escala, como as interações entre os indivíduos envolvidos em/com determinado sistema político, por exemplo.

A Identidade Social de um indivíduo começa a ser definida a partir do seu nascimento, da determinação do contexto social em que estará inserido e vai se consolidando em decorrência das relações que serão estabelecidas entre o ser e o (s) grupo (s) social (ais)<sup>6</sup> que o cerca (m) e das interações daí resultantes.

Como COSTA evidencia em sua obra:

É preciso lembrar que, embora os estudos possam destacar o caráter recíproco das interações sociais, elas estão condicionadas a outros elementos da vida em sociedade, como os diferentes *status* sociais. Assim é que as interações entre ego e alter não são igualitárias e envolvem relações de dominação e submissão, bem como diferentes possibilidades de recompensa e punição. (COSTA, 2005, p.175)

Do mesmo modo, a identidade social de um grupo baseia-se nas particularidades de pensamento, comportamento, do *modus vivendis* dos indivíduos que o compõem e das relações interativas desenvolvidas entre os mesmos. Estes tem, claramente, inúmeras afinidades, mas terão também aspectos/ideias que divergirão - inclusive devido às diferentes personalidades, idades e sexo -, contribuindo, mesmo assim, para a formação identitária específica<sup>7</sup> do grupo em questão.

Estabelecendo uma relação com o conceito de Consciência Coletiva de Émile Durkheim, podemos dizer que a identidade social é a representação ‘simbólica’ e prática da consciência de um determinado indivíduo ou grupo social, em relação à sociedade como um todo. Costa afirma então que “O sujeito deixa de ser visto como uma objetividade para ganhar toda a riqueza de sua capacidade simbólica.” (COSTA, 2005, p.186)

---

<sup>5</sup> “As instituições sociais são entidades que congregam várias dessas formas de comportamento estabelecidas, organizando-as de forma recíproca, hierárquica e com um objetivo comum (...) a família, a Igreja, exército e a burocracia do Estado são as mas antigas e fortes instituições sociais.” (COSTA, 2005, p.396)

<sup>6</sup> “Um conjunto de indivíduos que agem de maneira coordenada, autorreferida ou recíproca.” (COSTA 2005, p.394)

<sup>7</sup> Sendo assim, temos que o identitário de um grupo religioso é bem específico e diferenciado de um grupo praticante de outra religião; um grupo de praticantes de determinado esporte tem sua identidade própria; um grupo de mulheres brasileiras tem suas especificidades em relação a um grupo de mulheres de mesma faixa etária dos países árabes, por exemplo.



Por consciência, neste caso, temos que é um recorte secundário - realizado dentro da sociedade - de preceitos ideológicos, culturais, da relação de direito e deveres, funções e papéis<sup>8</sup>, particulares de determinado grupo de indivíduos/grupos sociais, onde cada membro considera a existência dos demais para dirigir suas ações (COSTA, 2005).

Como dito anteriormente, cada grupo social tem sua formação identitária, sua dinâmica específica, mas, dentro do próprio grupo, há uma variabilidade na definição e ‘execução’ do papel social dos indivíduos, visto que, os papéis sociais podem ser designados, isto é, atribuídos aos indivíduos, independentemente de sua escolha. Além do fato de um papel social similar, ser desempenhado de maneiras diferentes, repleto de particularidades, por dois ou mais indivíduos.

Tal ponto nos leva a ressaltar novamente que, certos fatores, levam os sujeitos a representarem outros papéis, funções sociais em detrimento daqueles já exercidos dentro de seus grupos primário, secundário, de referência<sup>9</sup> etc.

### - Teorias de Gênero

O termo gênero foi associado e definido pelo sexo biológico (genitália) do indivíduo durante muitos séculos, onde aquele era determinado como sendo macho pela presença do pênis, ou como sendo fêmea, quando da ausência deste e presença da vagina e do clitóris.

A partir dessa “constatação” realizada após o nascimento do indivíduo, o mesmo já recebia uma carga de papéis e funções que exerceria na sociedade no decorrer de sua existência. Simone de Beauvoir comenta essa estreita relação entre a biologia e a identidade social ao dizer que “os psicanalistas consideram que a verdade primeira do homem é uma relação com seu próprio corpo e com o corpo de seus semelhantes no seio da sociedade.” (BEAUVOIR, 1949, p. 123)

Assim, estariam definidos diversos aspectos e etapas pelos quais o indivíduo passaria, inclusive de acordo com faixas etárias: na infância - as brincadeiras

---

<sup>8</sup> “Papel social é o conjunto de normas, direitos, deveres e expectativas que envolvem uma pessoa no desempenho de uma função junto a um grupo dentro de uma instituição.” (COSTA, 2005, p.403)

<sup>9</sup> “**Primários**, tais como a família e a vizinhança, nos quais se observa forte envolvimento emocional, atitudes de cooperação e o compartilhar de objetivos comuns. (...) Os **grupos secundários** são mais formais e menos íntimos e correspondem aqueles grupos formados pelos membros de grandes empresas e instituições como o exército. (...) **De referência** assim chamados por serem aqueles que servem de parâmetro para a ação individual. São seus valores e suas expectativas que ordenam os padrões de comportamento.” (COSTA, 2005, pp. 394-395)



apropriadas (carrinhos para os machos, bonecas para as fêmeas); na fase adulta - as profissões mais apropriadas a um e a outro ‘gênero’, o papel dentro da instituição família (homem provedor do lar, sustento; mulher como ‘cuidadora’ da casa e dos membros da família); as roupas, a postura física apropriadas; a personalidade “obrigatória”, onde a masculinidade era comprovada pela força, por modos mais grosseiros, até, enquanto que a feminilidade era representada pela delicadeza e submissão etc. – enquanto o homem (masculino) deveria corresponder ao termo viril (corajoso, enérgico), à mulher (feminino) era necessária apenas que cumprisse seu papel de “terra fértil”.

Portanto, o indivíduo já nascia imbuído de tarefas e com uma gama de exploração ideológica, estética e social restrita ao seu gênero biológico.

Ao falarmos de gênero e sexo biológico, se faz mister discutir a questão da sexualidade, outro aspecto definido pela genitália e pelas convenções sociais. Do mesmo modo que o indivíduo já nascia com a determinação de roupas apropriadas para seu gênero biológico, também já lhe era determinado que o relacionamento amoroso e sexual possível se daria com o sexo biológico oposto (homem-mulher), ou seja, era imposto ao indivíduo o que lhe causaria atração sexual.

O sujeito teria, assim, uma liberdade apenas teórica para construção de sua identidade social, visto que muitos aspectos já seriam pré-estabelecidos.

Com o passar do tempo e dos estudos que comprovam cada vez mais casos de indivíduos intersexuados, como já afirmava Beauvoir (1949), hermafroditismo, da diminuição dos preconceitos acerca do transexualismo, das possibilidades de cirurgia de mudança de sexo biológico, da quebra de barreiras com relação aos diferentes tipos de sexualidade (homossexualismo, bissexualismo etc.), foi intensificada uma discussão sobre a relação gênero-sexo, surgindo assim as teorias de gênero que põem em xeque essa relação de dependência “sexualidade, gênero e identidade social - sexo biológico”.

Na contemporaneidade vem ocorrendo uma quebra de paradigma em muitas culturas, onde já se torna perceptível a redefinição – e até inversão – de valores: mulheres independentes e provedoras do sustento, homens “donos de casa” que cuidam do lar e dos filhos; e, talvez o ponto mais polêmico, a possibilidade de escolha do sexo biológico e do gênero independente da combinação cromossômica do indivíduo<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Nota explicando a carga cromossômica: XX ou XY



Apesar dos ainda resistentes resquícios de preconceito sexual (oriundos das convenções sociais conservadoras), aos poucos o indivíduo vem “construindo” a liberdade de poder identificar-se como um ser sociável e como um ser sexuado de forma independente e natural, a partir de resultados particulares de suas vivências. Não está mais restrito a representar socialmente a genitália e os órgãos reprodutores com os quais nasceu:

Seguramente a sexualidade desempenha na vida humana um papel considerável: pode-se dizer que ela a penetra por inteira [...] O existente é um corpo sexuado; nas suas relações com os outros existentes, que são também corpos sexuados, a sexualidade está, portanto, sempre empenhada; mas, se corpo e sexualidade são expressões concretas da existência, é também a partir desta que se pode descobrir-lhes as significações. (BEAUVOIR, 1949, p. 83)

Hoje, o sujeito pode definir primeiro seu gênero, como sendo ‘homem’ ou ‘mulher’ e seu papel na sociedade, a partir dos próprios desejos – não apenas sexuais -, e, só então, escolher seu sexo biológico. Seja aceitando o que lhe foi provido pela biologia natural, seja realizando cirurgias e tratamentos possíveis com o avanço da ciência médica.

Deste modo, podemos fazer a já citada junção onde temos a formação do termo Identidade de Gênero: onde o indivíduo formará sua bagagem identitária – sua personalidade - de acordo com o seu entendimento acerca da própria sexualidade e de como esta influenciará para que defina seu lugar, seu papel, na sociedade e não mais o inverso.

## **SOCIEDADE DA IMAGEM E FOTOGRAFIA**

A linguagem visual é considerada uma das primeiras formas de comunicação humana, como sugerem os desenhos e vestígios encontrados em pedras, cavernas etc. - que remetem a períodos humanos vividos há milhares de anos. JOLY (1996 p.17) comenta que:

Esses desenhos destinavam-se a comunicar mensagens, e muitos deles constituíram o que se chamou “os precursores da escrita”, utilizando processos de descrição-representação que só conservavam um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais.

Por sua vez, o termo “civilização da imagem” vem sendo utilizado para definir nossa sociedade há cerca de três décadas. Essa conceituação não se deu por um fato(r) isolado, ou a partir de acontecimentos desenrolados em um curto período, mas sim por um processo gradativo, como afirma Kossoy (2001, p.134):

A chamada “civilização da imagem começa a se delinear de fato no momento em que a litografia, ao reproduzir em série as obras produzidas pelos artistas do princípio do Oitocentos inaugura o fenômeno do consumo da imagem enquanto produto estético de interesse artístico e documental.

A comunicação contemporânea representa a consolidação do uso - e certa dependência - da linguagem visual: para todo lado que se olha, há imagens. Algumas se tratam de signos de orientação que compõem regras básicas seguidas pelo indivíduo em sociedade (como os sinais de trânsito, de ‘proibido fumar’ etc.), outras configuram entretenimento e representações artísticas (artes plásticas, cinema) e, por último, podemos citar as imagens que carregam uma intenção mais forte, seja esta explícita ou implícita, que são as imagens publicitárias. Estas nos ditam o que fazer, o que vestir, do que gostar: querem nos vender um modo de vida (ilustração 1) .



Foto: *Arôdo Filho*, Modelo: *Andreza Veiga*

Tal descrição, ainda que breve, sobre os tipos imagéticos que nos cercam serve para “ilustrar” o universo comunicacional atual, no qual estamos inseridos e ativos. Diariamente emitimos e recebemos dezenas de mensagens visuais.



Para Kossoy “O conhecimento visual do mundo através de imagens se torna moda, particularmente após as primeiras décadas do advento da fotografia.” Sendo assim, para melhor compreensão do processo – de formação da “civilização da imagem” –, é preciso ater-se um pouco ao desenvolvimento da atividade fotográfica.

Originada a partir da câmara escura<sup>11</sup>, a fotografia passou a ser aceita de forma mais perceptível em meados de 1860 (KOSSOY, 26), o que desencadeou o surgimento de grandes impérios comerciais e industriais. Daí em diante, as pesquisas e estudos acerca do desenvolvimento da técnica e da aparelhagem foram cada vez mais intensos.

Concomitante à evolução tecnológica, surgiram diversos estilos de abordagem e estética por parte dos fotógrafos. Os retratos, por exemplo, em substituição às pinturas de mesma intenção, logo se popularizaram; por conseguinte, as fotos em família. A fotografia logo assumiu sua condição de poder reproduzir mecanicamente de forma duradoura um momento único, que não se repetirá existencialmente (BARTHES, 12).

Também as discussões acerca da atividade fotográfica se intensificaram a partir de questionamentos: ‘a fotografia é arte?’ ‘É a reprodução da realidade?’ ‘É mera atividade mecânica?’

Mas, independente das respostas e teorias resultantes, temos consensualmente que:

As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (Kossoy, 2002, p.21)

A partir do pensamento de Kossoy, temos então que a fotografia é um recorte da realidade, não uma reprodução fiel; mas sim uma abordagem representativa que deve ser compreendida a partir do filtro cultural do fotógrafo – ideologias e vivências a partir das quais determinará o que lhe é importante (motivo fotografado) – e do contexto sociocultural em que o registro fotográfico foi realizado.

Com o advento das novas tecnologias e o barateamento dos equipamentos, foi inevitável a popularização de câmeras, por exemplo. Com o fácil acesso a estas, tanto foi maior o número de amadores praticantes da fotografia, quanto o de artistas

---

11





fotógrafos. Ou seja, a existência de cada vez mais ‘construtores de realidade’ e mensagens visuais.

Para Barthes (p.43) “Inicialmente, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas, em breve, por meio de uma reviravolta conhecida, ela decreta que é notável aquilo que fotografa.” Afirmação que nos leva ao questionamento: foi fotografado porque é importante, ou é importante porque foi fotografado?

É a partir desse momento que as representações imagéticas passam a ser encaradas como ditames sociais e criadoras de ideais estéticos - realidade reforçada pela sociedade de consumo e pela publicidade, que passou a estabelecer padrões de gosto e comportamento (KOSSOY, 2002, p.137). Deste modo, torna-se clara a influência da fotografia na construção do ideário individual e, conseqüentemente, social.

Com sua contribuição para a crescente enxurrada imagética, a fotografia assume caráter de formadora de identidades e, como tal, também possui certa parcela de incitadora de discussões acerca do eu e do contexto em que o indivíduo se encontra inserido: para BARTHES “a Fotografia é o aparecimento de eu próprio como outro, uma dissociação artificiosa da consciência de identidade.” (BARTHES p.20) e para KOSSOY (2002, p.19)

Se, por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e da sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos.

A partir dessa consolidação da influência do visual, torna-se quase que óbvia a importância de ‘imagnetizar’ aquilo que está em pauta no contexto social afim de conscientizar, esclarecer, incitar – ou seja lá qual for o interesse atribuído ao tema/imagem.

E, a partir do que propõe BARTHES (p. 47) quando afirma que “no fundo, a Fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é *pensativa*”, podemos perceber que a atividade fotográfica é quase que indispensável na formação de um discurso visual que venha porventura a servir como base ou elemento constitutivo para uma discussão acerca do contexto social, por exemplo, e até da reestruturação deste, como ocorre atualmente.

## **A VAIDADE**



A sociedade vem se reconfigurando e, de maneira mais notável, as relações interpessoais e de gênero. Diante disso e da já citada inversão de alguns valores, podemos tomar como exemplo dois pontos básicos: a vaidade e a beleza. Ambos caracterizados ao mesmo tempo como aspectos humanos físicos e subjetivos.

Para Michaelis (2008) Vaidade é “1 Qualidade do que é vão, instável ou de pouca duração. 2 Desejo imoderado e infundado de merecer a admiração dos outros. 3 coisa vã, fútil, sem sentido.” e Beleza “1 Qualidade do que é belo. 2 Harmonia nos traços e nas formas. 3 Mulher bela. 4 Coisa bela ou muito agradável.”

Após tais definições, fica evidente a carga de subjetividade de ambos os aspectos. Até que ponto a vaidade caracteriza um ‘cuidado próprio’? Em que momento isso se torna excessivo, sinônimo de futilidade? Entretanto, tomando por base as convenções sociais que nortearam os indivíduos durante muito tempo, é possível afirmar que a Vaidade é/foi atributo intrínseco à figura feminina de diversas idades, etnias, culturas.

Desde sempre, convencionou-se que a mulher deveria ser ‘bem cuidada’, ‘bem vestida’, ‘bem adornada’ etc., de modo que apresentasse “um quê” de atratividade, de meiguice e sedução (ainda que muito disfarçada em prol dos costumes de algumas épocas). Essa “obrigação” não era simplesmente uma influência externa – da sociedade para a mulher -, mas também uma relação íntima.

Alguns estudos psicossociais afirmam que tal convenção teve suas origens na questão da sexualidade, pelo fato de o homem exercer papel de dominante na cultura (MARCONDES FILHO, 2003, p.34). Este, por sua vez, não necessitaria dessa preocupação com o corpo, com a vaidade e a beleza; sua posição social era assegurada pelo simples fator da genitalidade – presença do falo (pênis), nesse caso.

MARCONDES FILHO (2003, p.34) propõe ainda que

A mulher, por seu lado, buscará durante o resto de sua vida a compensação pela ausência de pênis através da transformação de todo seu corpo em “corpo fático”. [...] como compensação a essa carência, erotizará todo o corpo, tornando-o fático.

Podemos dizer então que, para a Psicossociologia, essa necessidade que a mulher tem de atrair as atenções para si, é quase que patológica: “manifesta as repercussões psíquicas de seu trauma de castração, através da alta dose de narcisismo

(desejo antes de ser amada do que amar) [...] e da vaidade física.” (MARCONDES FILHO)



Foto: *Arôdo Filho*, Modelo: *Andreza Veiga*

Entretanto, com a redefinição dos papéis sociais, a vaidade também passa a ser um aspecto discutível, pois que adentrou no universo masculino contemporâneo. Já faz certo tempo que o salão de beleza deixou de ser um ambiente exclusivo da mulher: o homem da contemporaneidade faz as unhas, pinta e faz tratamentos no cabelo, se depila, tem mais preocupação com roupa etc.

Esses fatores podem ser observados no dia-a-dia e vem contribuindo para a quebra de barreiras e para o estreitamento entre as linhas que dividem as diversas sexualidades – transex., metrossex., homossexuais, heterossexuais etc.

A Vaidade não é exclusiva da feminilidade, reservada à determinada definição de gênero, mas sim um aspecto que vem tomando seu espaço na sociedade contemporânea: [quase] todos querem ser contemplados esteticamente.

## **Conclusão**

Na sociedade contemporânea vem ocorrendo uma redefinição e até a inversão de alguns valores. Devido à alteração social causada por esse processo, as discussões se tornam cada vez mais presentes. As alterações no campo dos valores e das representações e sociabilidades são quase que uma revolução.

Essa questão valorativa da sociedade está intimamente ligada ao Gênero e às teorias que o cercam e discutem. Desta forma, se faz indispensável realizar um aprofundamento teórico e prático na temática, assim como também é preciso



aprofundar-se acerca dos vários campos que colaboram e guiam tais discussões, como a Teoria das Representações Sociais e a formação identitária de uma sociedade - e/ou do indivíduo frente à ela.

Inúmeros aspectos humanos foram – e alguns ainda são – considerados dependentes da definição de Gênero durante muito tempo; dentre eles, podemos destacar a Vaidade. Esse tema é extremamente eficaz no sentido de realizar o estudo acerca da redefinição de valores sociais, pois ‘barreiras vêm sendo quebradas’, ao passo em que a linha divisória entre vaidade, feminilidade e masculinidade se torna bastante tênue: é notória a absorção de determinados hábitos tidos como tipicamente femininos por parte dos homens, por exemplo. Fator que levanta questões como o desejo de compreender onde uma coisa (absorção de costumes do sexo oposto pelo sujeito) afeta a outra (gênero/sexo assumido pelo sujeito na sociedade).

Buscando contemplar de forma prática tal(is) tema(s) controverso(s), podemos partir deste ponto: em uma sociedade completamente imersa no mundo imagético, onde regras, hábitos e consumo são ditados diariamente pela “enxurrada” de informações difundidas por imagens, faz-se totalmente possível e necessário tornar visual o que for de interesse e foco social.

Sendo assim, como forma de comunicar mais fortemente, é interessante que se procure atingir o espectador através de vários de seus sentidos. Daí a importância de transpor a realidade social para as mídias visuais, como a fotografia - onde há espaço para incitar à reflexão a partir de uma abordagem artística e, ao mesmo tempo, crítica -, de forma a tentar levar o espectador a essa percepção de que a sociedade e os costumes encontram-se em fase de reestruturação.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Rio de Janeiro, 2002. 20 p. Artigo científico. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 12 abril de 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 2006. La chambre Claire (Note sur la photographie). Tradução: Manuela Torres.

BEAUVOIR, Simone de. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallinard, 1949.



COSTA, Cristina. **Sociologia – Introdução à ciência da sociedade.** 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Abril Cultural, 1973.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura.** São Paulo: Paulus, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse, son image, son public.** Paris: PUF, 1961.

- **Ilustrações 1 e 2:** Acervo Pessoal.